



AS AVES DE ÉVORA: ONDE O CAMPO ENCONTRA A CIDADE

João E. Rabaça

A relação existente entre as sociedades humanas e as aves é antiga, imensa e proficiente, em resultado de alguns traços que as descrem positivamente em relação a outros animais: no seu meio natural, a maioria das espécies apresenta hábitos diurnos e são geralmente organismos muito conspícuos. Estas razões concorrem para que as aves sejam facilmente detectáveis, o que promove o interesse na sua observação como forma de nos relacionarmos com a Natureza.

Melro-preto (*Turdus merula*).

Como fonte inspiradora as aves têm desempenhado um papel crucial consubstanciado em inúmeras criações do génio humano em diferentes épocas e civilizações. Como exemplo, leiam-se algumas obras de Pablo Neruda, apreciem-se telas de Paul Klee ou escutem-se peças de Olivier Messiaen, para referir apenas escassos exemplos do nosso quadro civilizacional. Ademais, William Shakespeare é hoje reconhecido como tendo sido um atento observador de aves, considerando a excelência e o detalhe das descrições nas suas obras de alguns pormenores da forma e comportamento de distintas espécies.

Esta relação estreita entre nós e as aves resulta em boa medida de alguns traços que as descriminam positivamente em relação a outros animais, em particular outros vertebrados terrestres: no seu meio natural, a maioria das espécies apresenta hábitos diurnos e são genericamente organismos muito conspícuos. Estas razões concorrem para que as aves sejam, comparativamente com outros animais, facilmente detectáveis, facto que promove um enorme interesse na sua observação como forma de nos relacionarmos com a Natureza.

Devo acrescentar que outras razões mais técnicas contribuem para o apreciável valor da observação de aves: o facto de se distribuírem praticamente por todo o planeta, ocuparem todos os meios mesmo os mais artificializados, existirem em todos os níveis tróficos consumidores e utilizarem as três dimensões do espaço, devido à capacidade de voo exibida pela esmagadora maioria dos seus representantes. Finalmente, saliento o papel quase emblemático que as aves desempenham num dos fenómenos naturais mais impressionantes: a migração. É certo que as aves não são os únicos organismos que realizam estas deslocações periódicas em larga escala, mas se pedirmos a alguém que dê um exemplo de um animal migrador, a resposta mais provável será uma ave.

Surge pois como natural que saibamos mais sobre as aves e o seu papel nos ecossistemas do que de outros vertebrados. Conhecemos de um modo bem aceitável a distribuição geográfica das diferentes espécies, sabemos quais as que justificam maiores preocupações em termos de conservação e para muitas dessas espécies sabemos mesmo o que deve e não deve ser feito com vista a melhorar o seu Estatuto de Conservação.



Fêmea de toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*).

E tudo isto, em boa medida, graças ao contributo de voluntários que, integrados em projectos desenvolvidos a diversas escalas geográficas e temporais, fornecem os seus dados para aumentar o conhecimento existente.

Observar aves surge assim como uma actividade proveitosa e salutar, ideal para promover os valores da conservação da Natureza e passível de ser realizada por adultos e jovens de diversas idades, não só no campo e no litoral, mas também nas vilas e cidades.

A capacidade de adaptação a novas condições do meio ambiente, permite a diversas aves utilizarem com eficácia os recursos de alimento, abrigo e nidificação disponíveis nas cidades. Nalguns casos a adaptação foi tão marcada, que é improvável a sua observação em áreas sem



Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*).

edificações humanas, mas para a maioria das espécies que ocorrem nas nossas cidades, a utilização dos recursos é essencialmente oportunista. Dito de outro modo, "se existe comida e refúgio, então há condições mínimas para assegurar a existência".

Para algumas espécies de aves as cidades são espaços multifuncionais que disponibilizam novas oportunidades. A matriz urbana, composta por edifícios, praças, alamedas, parques, jardins, pátios, quintais mas também pelas zonas limítrofes que estabelecem uma fronteira com as paisagens envolventes, oferece múltiplas condições de abrigo e alimento. Assim sucede em quase todas as cidades.

Em Évora o quadro não é diferente. Mais: por se tratar de uma cidade de média dimensão inserida numa região de matriz rural com campos



Chapim-real (*Parus major*).

agrícolas e áreas arborizadas, a cidade de Évora e a sua envolvente oferecem a possibilidade de observar cortejos de espécies diferentes de acordo com a sucessão das estações do ano. É aliás com base nestas diferenças fenológicas que os ornitólogos classificam as aves em *residentes*, quando ocorrem durante todo o ano, *migradoras nidificantes*, quando presentes apenas durante o período da reprodução, *migradoras de passagem*, quando somente se detectam durante os períodos das migrações e *invernantes* quando ocorrem somente durante os meses mais frios. Este é afinal de contas um dos traços mais significativos da dinâmica anual em qualquer região temperada: a sucessão da avifauna.

Neste texto irei ilustrar os aspectos mais representativos desta dinâmica, referindo quais as espécies de aves susceptíveis de serem observadas ao longo de uma ciclo anual na cidade de Évora. Não ambiciono ser



Chamariz (*Serinus serinus*).

exaustivo nem pretendo listar a totalidade das espécies. Como objectivo principal, aspiro a conseguir motivar o leitor para uma outra leitura da cidade utilizando as aves que conosco partilham Évora e os seus arredores. Munido de um guia de campo, um binóculo, bloco de notas ou um *smartphone*, deambular pela cidade em qualquer época do ano pode ser a oportunidade para descobertas interessantes e motivadoras.

Os arautos da Primavera

Nas nossas latitudes, é durante os meses de Março a Junho que a maioria das aves se reproduz. É um processo exigente e que se desenvolve por etapas sequenciais: o estabelecimento do par reprodutor, a construção do ninho, a postura e incubação dos ovos, a eclosão e desenvolvimentos dos pintos e, finalmente, a sua independência. Ao longo deste período, estas etapas vão-se sucedendo com durações distintas conforme as espécies. Algumas iniciam o processo bem cedo, por vezes ainda em Janeiro-Fevereiro, outras mais tardiamente, com o mês de Maio já no horizonte.

À medida que os dias crescem rumo ao equinócio, as manhãs soalheiras de Évora despertam com os cantos¹ dos residentes mais precoces, em particular Passeriformes². É assim possível apreciar a riqueza melódica do canto dos melros (*Turdus merula*) e o canto harmonioso da toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*) em diversas zonas da cidade, seja no centro histórico ou em bairros limítrofes, desde que nas imediações exista alguma vegetação que garanta as condições necessárias para a edificação dos ninhos.

¹ Canto - O canto é um dos traços mais emblemáticos das aves, permitindo curiosamente a identificação do seu emissor mesmo na ausência da sua detecção visual.

² Passeriformes – uma das ordens em que se classificam as Aves. É de resto a ordem que alberga o maior número de espécies e a ela pertencem as chamadas aves canoras, em que o canto emitido pelos machos é determinante para atrair a(s) fêmea(s) e garantir a defesa territorial.

Nos jardins da cidade e no complexo verde da Ribeira da Torregela (bairro da Malagueira e Vila Lusitano), a existência de coberto arbóreo e arbustivo promove a ocorrência de outras espécies residentes como a carriça (*Troglodytes troglodytes*), toutinegra-de-cabeça-preta (*Sylvia melanocephala*), chapim-real (*Parus major*), chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*) e trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*). Em alguns locais ao longo da linha de água atrás referida, é possível escutar o canto característico do rouxinol-bravo (*Cettia cetti*), ave discreta e difícil de observar e muito associada a vegetação ribeirinha.

Entretanto outras aves manifestam uma actividade crescente, prenúncio do frenesim que já anuncia a época de reprodução: chamarizes (*Serinus serinus*) e verdilhões (*Carduelis chloris*) fazem-se ouvir com os seus cantos trinados, acompanhando os pardais (pardal-comum *Passer domesticus*), seguramente os mais conspícuos pássaros nos ambientes urbanos. Nas áreas limítrofes ou em locais com alguma vegetação herbácea, é possível escutar o canto monossilábico e repetitivo da fuinha-dos-juncos (*Cisticola juncidis*), pequena ave residente cujos machos cantam em voo. O cartaxo-comum (*Saxicola rubicola*), outra espécie residente é detectável em zonas de orla com vegetação herbácea e sub-arbustiva como as bermas das vias de comunicação e terrenos descampados.

Logo a partir de finais de Janeiro, as andorinhas-dos-beirais (*Delichon urbicum*) podem ser vistas nos céus de Évora. São migradoras nidificantes comuns no sul do país estando muito bem adaptadas às condições oferecidas pelas localidades, como de resto o seu nome vernáculo sugere. Quase ao mesmo tempo aparecem as primeiras andorinhas-das-chaminés (*Hirundo rustica*), cujas silhuetas esbelas são reconhecíveis nos voos rasantes e ágeis que realizam nas ruas de Évora.

Ainda com o Inverno no calendário, chegam as primeiras cegonhas (cegonha-branca *Ciconia ciconia*) à cidade. Ocupam os ninhos existentes no Hospital do Patrocínio e na igreja do Senhor Jesus da Pobreza, e

Pardal-comum (*Passer domesticus*).





constituem um dos elementos ornitológicos mais emblemáticos das cidades e vilas de boa parte da Península Ibérica.

Às primeiras horas da manhã, as áreas relvadas da cidade como a rotunda de Avis exibem com frequência um espectáculo ímpar: garças-boieiras (*Bubulcus ibis*), estorninhos-pretos (*Sturnus unicolor*), pegas-rabudas (*Pica pica*) e outras aves, alimentam-se freneticamente dos invertebrados existentes no solo que o orvalho matinal ou a rega recente tornam mais disponíveis. Este quadro não é todavia exclusivo desta época do ano.

Em finais de Março que chegam às nossas latitudes os verdadeiros arautos da Primavera: os andorinhões (andorinhão-preto *Apus apus* e andorinhão-pálido *Apus pallidus*), cuja silhueta parecida com a das andorinhas sugere uma adaptação estreita à captura em pleno voo dos insectos de que se alimentam. A sua chegada é um sinal dos tempos cálidos que se aproximam.

O rigor estival

Durante os meses de Abril a Junho a época de reprodução das aves de Évora segue o seu curso. Para muitas espécies, o vaivém incessante dos adultos aos ninhos para alimentarem os pintos progride a bom ritmo. Para outras, o arranque da época estará porventura mais atrasado. Durante toda esta azáfama, os machos mantêm genericamente a actividade canora pelo que ao frenesim das deslocações acresce o coro dos melros, toutinegras, chamarizes, chapins e pardais. Em locais onde a vegetação arbustiva é mais densa é possível escutar o canto rico e timbrado do rouxinol-comum (*Luscinia megarhynchos*) um dos migradores nidificantes mais comuns em Portugal e que tem a particularidade de cantar mesmo durante a noite.



No centro histórico da cidade, em particular no Largo da Misericórdia e na envolvente do Pátio de São Miguel e da Catedral, podemos observar uma outra espécie residente: a gralha-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*). Trata-se de um corvídeo³ de médio porte que cria nas fendas e buracos de construções cujas vocalizações semelhantes a um grasnar metálico constitui um dos sons naturais mais emblemáticos de Évora.

Nas zonas limítrofes, em particular na interface com as áreas agrícolas envolventes, é possível encontrar outro corvídeo inconfundível na sua forma e plumagem: a pega-rabuda (*Pica pica*). O distrito de Évora é aliás uma das zonas do país onde esta ave residente é mais abundante, edificando por vezes os seus ninhos nas árvores que marginam as estradas da região. Ao longo da última década, as pegas-rabudas têm ocupado o espaço urbano, e hoje são frequentes na cidade.

Para além das espécies já referidas, os pombos (variedade doméstica do pombo-das-rochas *Columba livia*) são uma presença ubíqua na cidade, onde tiram partido das condições de abrigo e alimento disponíveis no centro histórico. É praticamente assim em todas as cidades da Europa (e não só), onde os seus efectivos por vezes demasiado elevados chegam a causar problemas ao património edificado, constituindo também uma potencial fonte de problemas de higiene pública. Outra espécie aparentada com os pombos e também observável em Évora é a rola-turca (*Streptopelia decaocto*), reconhecível pelo seu canto trissilábico. Trata-se de uma ave que teve nas últimas décadas anos uma dispersão assinalável

³ Corvídeos - Representantes da Família Corvidae, uma dos grupos de Passeriformes mais cosmopolitas. Existem mais de 120 espécies em todo o mundo e ocorrem em todo o planeta exceptuando as regiões polares e o extremo da América do Sul. São reconhecidamente consideradas como as aves mais inteligentes, estando o uso de utensílios descrito para algumas espécies.

Em cima, andorinha-dos-beirais (*Delichon urbicum*), em baixo, andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*).

em Portugal e é um extraordinário exemplo de expansão no século XX, tendo dispersado desde a Turquia até à Europa Ocidental, Rússia e Penínsulas Ibérica, Itálica e Balcãs.



Estorninho-preto (*Sturnus unicolor*).

Com o avançar da época a duração dos dias aumenta e os momentos de temperatura amena dão lugar a períodos mais quentes. É em dias assim que podemos ser surpreendidos com a visão de uma ave de rapina planando nos céus de Évora, em particular nos bairros limítrofes: poderá tratar-se de uma águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*) ou mesmo de uma águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*). A primeira é das rapinas residentes mais comuns em Portugal; a segunda constitui uma das mais belas águias migradoras nidificantes da fauna europeia. Observá-la será seguramente um excelente momento de fruição...



Gralha-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*).

À medida que a Primavera se aproxima do fim, as manhãs de Évora e os fins de tarde são literalmente inundados pelos voos céleres dos andorinhões deslizando ruidosamente sobre os telhados da cidade. São bandos constituídos por adultos e juvenis e representam uma das imagens mais marcantes deste período do ano.

Quando chegam os tórridos dias de Verão, a actividade das aves diminui. É o anúncio de que a época mais desgastante do ciclo anual atingiu o seu termo. Os juvenis dispersam para outros locais e os adultos iniciam o complexo processo da muda da plumagem, sendo mais difícil a sua detecção. Na cidade observamos andorinhas, pardais, rolas-turcas, gralhas-de-nuca-cinzenta, pegas-rabudas e os omnipresentes pombos. Somente nos jardins e pátios arborizados será possível detectar um ou



Rola-turca (*Streptopelia decaocto*).

outro melro, algumas toutinegras e uma ou outra surpresa. É um período rigoroso em que as temperaturas elevadas condicionam fortemente a actividade das aves. Ao final da tarde, em algumas avenidas e alamedas da cidade, bandos de pardais utilizam árvores como dormitórios juntando-se às centenas. Entretanto, se olharmos mais acima, poderá ser possível observar bandos de garças-boieiras sobrevoando a cidade em direcção aos seus dormitórios situados nas imediações.

À medida que o Verão avança os migradores nidificantes começam a abandonar a cidade rumo aos seus quartéis de Inverno. Andorinhas e andorinhões deixam Évora em Agosto e Setembro com destino à África de onde voltarão no próximo ano. É neste período relativamente efémero que podemos observar um ou outro migrador de passagem em trânsito para Sul. Uma das espécies mais representativas deste grupo é o papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) observável nesta época do ano já com a sua plumagem de inverno com tonalidades cinzentas.

Chegam as primeiras chuvas

O início do Outono dá ainda continuidade ao fim da época estival. A actividade das aves limita-se em boa medida ao assegurar da sobrevivência e até às primeiras chuvas acompanhadas de um abaixamento apreciável da temperatura, não existem propriamente novidades na sucessão temporal da avifauna. Todavia, é neste período que, graças aos processos de dispersão, podemos observar na cidade algumas aves atípicas do ambiente urbano. É assim possível vermos em alguns bairros limítrofes espécies como o picanço-real (*Lanius meridionalis*), vulgarmente associado a áreas abertas com pequenos bosquetes e pequenos bandos de chapins-rabilongos (*Aegialitos caudatus*) facilmente identificáveis pela sua silhueta em que sobressai a cauda particularmente comprida.

Com as primeiras chuvas começam a chegar os invernantes oriundos do norte e centro da Europa. A partir de Novembro, felosas-comuns (*Phylloscopus collybita*) e piscos-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) podem ser observados em diversos locais da cidade, desde que existam condições



Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*).

de habitat adequadas (essencialmente alguma vegetação arbórea e arbustiva). Nesta época, os melros procuram avidamente as bagas e frutos de diversas plantas que ornamentam os jardins e pátios, por vezes acompanhados de bandos de chapins e aves granívoras como pintassilgos (*Carduelis carduelis*), tentilhões-comuns (*Fringilla coelebs*) e um ou outro pintarroxo (*Linaria cannabina*).

Em locais próximos de linhas ou corpos de água é possível observar a alvéola-branca (*Motacilla alba*), reconhecida pela sua plumagem cinzenta com apontamentos pretos e brancos e com a particularidade de, quando no solo onde aliás passa boa parte do tempo, baloiçar caracteristicamente a cauda.



Pintassilgos (*Carduelis carduelis*).

Traços de Inverno

A estação fria é um período crítico para as aves. Assegurar a sobrevivência em condições ambientais por vezes muito rigorosas é uma tarefa árdua para todos os indivíduos. Mas é neste caso que a cidade pode funcionar como um bom refúgio oferecendo disponibilidade suplementar de abrigo e alimento nos pátios e jardins. Para além de garantirem a sua sobrevivência, as aves devem procurar atingir a próxima época de reprodução em boas condições físicas para encararem a fase seguinte do ciclo anual com alguma probabilidade de sucesso.

À medida que o Inverno progride, é possível escutar numa ou outra noite as vocalizações de rapinas nocturnas que neste período iniciam o acasalamento. Corujas-das-torres (*Tyto alba*) e corujas-do-mato (*Strix aluco*) são por vezes ouvidas em alguns pontos da cidade, contribuindo para enriquecer o carácter mágico que as noites de Inverno em Évora por vezes encerram. A função territorial e/ou de acasalamento das suas vocalizações é afinal o prenúncio precoce de um novo ciclo que está prestes a iniciar-se

Em jeito de conclusão

Para lá dos limites urbanos, Évora oferece outros encantos orníticos. Na planície agrícola a sul-sudeste da cidade, ainda poderá ser possível observar algumas das aves mais ameaçadas da Europa: abetardas (*Otis tarda*), sisões (*Tetrax tetrax*), calhandras (*Melanocorypha calandra*), francelhos (*Falco naumanni*) e milhafres-reais (*Milvus milvus*). Estas aves estão associadas aos sistemas agrícolas tradicionais e constituem um valioso património natural que, infelizmente, tem vindo a desaparecer das paisagens de Évora como resultado de novas práticas agrícolas.

Em síntese, Évora e os seus arredores oferecem outros interesses para além dos que já constam dos roteiros turísticos e culturais. Como anseio ter transmitido ao longo deste texto, observar as aves de Évora pode ser uma forma interessante e inovadora de ler a cidade em qualquer época do ano. Experimentem...



Coruja-das-torres (*Tyto alba*).